

O que dizem as crianças: rascunhos, rasuras, traçados intensivos de imagens curriculares

What the children say: drafts, deletions, intensive tracings of curriculum images

ANA PAULA PATROCINIO HOLZMEISTER¹

TÂNIA MARA ZANOTTI GUERRA FRIZZERA DELBONI²

RESUMO: O artigo apresenta, a partir dos movimentos de produção curriculares desenvolvidos nos parques da cidade de Vitória, a possibilidade de inscrições singulares de si. Linguagens, expressões, intensidades, sonoridades, deslocamentos pelas superfícies de aderências, afetos, emoção, afecções que rascunham, na imanência dos encontros, imagens singulares de um currículo com a educação infantil. Ao trazer algumas problematizações que afirmam a vida no mais alto grau de potência, esses movimentos apostam na possibilidade de o conhecimento se constituir como o mais potente dos afetos: pulsante, vibrante, intenso. Assim, afirma que a produção curricular imanente se constitui como um acontecimento de ações, afetos, sensações e enunciações que vão se configurando em meio ao traçado rizomático de mapas intensivos e extensivos que deixam ver outro modo de problematizar o currículo, a docência e o trabalho com a linguagem na educação infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; linguagens; imagens curriculares.

1. Doutora em Educação, leciona na Universidade Vila Velha (UVV), em Vitória/Espírito Santo, e atua na Gerência de Educação Infantil da Secretaria de Educação de Vitória (SEME). *E-mail:* holzpaula@hotmail.com.
2. Doutora em Educação, professora da Prefeitura Municipal de Vitória (SEME)/Espírito Santo e da Universidade Vila Velha (UVV), onde atua como coordenadora e professora do curso de Pedagogia e do Mestrado em Sociologia Política. *E-mail:* taniadelboni@terra.com.br.

ABSTRACT: The paper presents, from the movement of curricular production developed in playgrounds located in the city of Vitória, in the state of Espírito Santo, the possibility of singular inscriptions of oneself. Languages, expressions, intensities, sonorities, displacements through the surfaces, affections and emotion that draft, in the immanence of gatherings, singular images of a curriculum with children's education. By bringing some discussions that ensure life in the highest power degree, these movements count on the possibility that knowledge constitutes the most powerful of all affections: pulsating, vibrating and intense. Therefore, we claim that the immanent curricular production is constituted as an event of actions, affections, feelings and enunciations that are configured amid the rhizomatic delineation of intensive and extensive maps that enable other ways of seeing the curricular discussion, teaching and the work with language in children's education.

KEYWORDS: Children's Education; languages, curricular images.

*A criança não para de dizer o que faz ou tenta fazer:
explorar os meios, por trajetos dinâmicos, e traçar o mapa correspondente.*

GILLES DELEUZE

Inscrições singulares de si... Linguagens, expressões, intensidades, sonoridades, deslocamentos pelas superfícies de aderências, afetos, emoção, afecções... São esses, dentre outros elementos, que rascunham, na imanência dos encontros, imagens singulares de um currículo com a educação infantil, engendradas pelas forças intensivas do mundo que estão a vibrar e a rasurar modos habituais de conceber um currículo: rasuram uma imagem dogmática de um currículo que tende à prescrição. Modos que ultrapassam a dimensão do cuidar e o educar por meio da brincadeira, pensamento restrito a um corpo orgânico.

Nos movimentos de produção curriculares desenvolvidos nos parques da cidade de Vitória, as crianças percorrem as intensidades dos meios, desenhando imagens de um currículo que escapam dos territórios-salas de aula e se estendem pelos amplos gramados e terrenos arenosos dos parques de uma cidade.

Assim, em meio à história do “Capitão do Mato”, que persegue em uma correria desenfreada os escravos fujões, passa um pique-esconde, no qual, entre um e outro batuque de um pandeiro, faz fluir um conceito de aprendizagem como potência de vida. São processos de subjetivações singulares que viram as disciplinas e o controle dos corpos de *ponta-cabeça*, afirmando a docência como ato de criação que, no movimento de *transcrição* da história de colonização do Brasil e, em especial,



Figura 01: Produção das crianças. Acervo pessoal.

nos processos de escravidão experimentados pelos negros africanos traficados, faz passar um nicho de criação em meio à cultura de um povo que se fortalece ao criar uma luta-jogo-capoeira que, ao mesmo tempo, combate a exploração do trabalho escravo. A escolha da capoeira como matéria de tradução na composição curricular imanente traz implicitamente a religiosidade como temática de fundo de uma cena que expressa, por entre o batuque e cânticos, o desejo de problematizar a religiosidade humana para além das formações religiosas.

Movimentos de produção imanente nos quais a linguagem musical acontece dependurada em uma árvore... No encontro sensível entre a madeira, o corpo, a água, o vidro, a anilina instauram outros possíveis para a educação. Novidades sonoras de harmonias dissonantes que acontecem como criação de outro modo de problematização, de criação e invenção que criam um novo território existencial.

São problematizações que afirmam a vida no grau mais alto de potência e acolhem a possibilidade de o conhecimento se constituir a partir das experiências, daquilo que aumenta a potência de agir, que potencializa fluxos curriculares.

Intensidades e possibilidades para a criação de vida que pulsa e que torna possível a invenção de processos nos quais o conhecimento seja o mais potente dos afetos. Aprender e ensinar implicando coengendramento da vida vivida, experienciada, sentida, criada, como produtos de afetos e afecções vividos nos encontros. Movimentos de vida que dão visibilidade à vida que pulsa no encontro dos corpos, nas relações, nas linhas que se entrecruzam, linhas pulsantes, vibrantes e intensas.

Movimentos... Conhecimentos... Afetos... Dispositivos que impulsionam, travam, impellem, enfim, causam e suscitam movimentos, ressonâncias, ecos. Experiência de vida instaura a possibilidade de aposta em que a vida impera e irrompe, tecida a partir de diferentes linhas que se intersectam, cruzam, criando outros campos possíveis para pensarmos a invenção do currículo. Caminhos, trajetos, linhas...



Figura 02: Imagem do parque 01. Acervo pessoal.

Linhas sensíveis de escrita que fazem passar, em meio ao rascunho de um trajeto intensivo, a docência como composição de um corpo-pensamento-desejo, cuja necessidade de formar um corpo mais amplo e potente impulsiona a percorrer trajetos mapeados pelas crianças em seus devires. Devires-criança que não dizem

respeito à cronologia de um tempo marcado e circular, mas ao caráter intempestivo de um tempo-duração.

Nesse desenho escriturístico de um currículo imanente, emerge um pintor de ar, que colore o céu com bolhas de sabão, quando um corpo sedentário diante do novo, tenta impedir a fluidez intensiva da vida na exploração dos meios: “*Usar tinta no chão do parque?! Nem pensar! É proibido!*”. Essas linhas e traçados de uma escriturística feita de bolas coloridas que voam no ar oxigena a vida, a aprendizagem e o currículo da educação infantil onde este se encontra estancado.

Artistagens docentes em que a arte diz, à sua maneira, “[...] o que dizem as crianças. Ela é feita de trajetos e devires, por isso faz mapas, extensivos e intensivos. Há sempre uma trajetória na obra de arte [...]” (DELEUZE, 1997, p.78).

Em suas *artistagens*, as crianças cartógrafas desenham mapas intensivos e extensivos enquanto ocupam os parques, fazendo flutuar por entre o sossegar das águas de um lago, barquinhos de papel, os quais, impedidos de tocar a água, em função do risco da poluição, utilizam-se dos meios de uma intervenção urbana para fazer passar o fluxo do desejo de pertencimento à cidade.



Figura 03: Imagem do parque 02. Acervo pessoal.

Um movimento cartográfico que, ao acompanhar as linhas do desejo, traça linhas de fuga, ali onde as linhas sedentárias tentam impedir o fluxo do desejo de conceber um currículo com a educação infantil que funcione como plano de constituição de modos de subjetivação orientados pela ampliação da potência de agir no mundo, desenhando com linhas coloridas e flexíveis imagens de um processo educativo ético.

Nesse traçado, instaura-se a produção da alegria como princípio ético da educação, recusando a morte, a escravidão, a tristeza, a queixa e o adoecimento, fazendo nascer um novo ovo, germe das alegrias que afirmam a linguagem como potência expressiva de vida. Linhas escriturísticas... Que deixam nascer um filhote de peixe onde a sociedade julgou a morte e o silenciamento como condição de vida.

- Vocês sabem como nascem os jacarés?
- Da barriga.
- Não, nasce dos ovinhos.
- Meu pai não quer deixar minha irmã ter um bebê.

Imagens que se constituem como registros de linhas de vida, nas quais as *palavras não têm idioma*. Corpos textuais que expressam o *desenho do cheiro das árvores e pintam as estrelas com letras de prata*. Assim, os corpos em devir desenharam com os pés, as mãos, o coração, a língua, o verbo, o corpo, o sentimento, a tinta, o giz de cera, os livros, os brinquedos... (CORAZZA, 2013a). Uma concepção de aprendizagem diferencial para os processos experimentados na educação infantil.

As crianças desenharam mapas intensivos que distribuem os afectos, tecendo a cada vez imagens do corpo sempre remanejáveis ou transformáveis em função das constelações afetivas que as determinam (DELEUZE, 1997). Imagem traçada não se refere ao trajeto percorrido, mas ao devir. É o devir que faz do mínimo trajeto ou mesmo de uma imobilidade no mesmo lugar uma viagem; e é o trajeto que faz do imaginário um devir. Os dois mapas, dos trajetos e dos afectos, remetem um ao outro (DELEUZE, 1997).

Composições de um corpo sem órgãos desejantes por dar língua às expressões e aos sentidos produzidos nos atravessamentos transversais que instauram em seus deslocamentos laterais. Deslocamentos que fragilizam os limiares de territórios muito enrijecidos, fazendo passar um pouco de ar por entre as frestas dos territórios disciplinares, fazendo oscilar as intermináveis filas indianas que insistem em

controlar os corpos orgânicos. Corpos que, impulsionados pelas linhas melódicas traçadas em um cortejo, interrogam as turmas organizadas pela lógica da faixa etária, assim como a insistente tentativa de determinação da criança como sujeito de direitos, da identificação das crianças especiais, dos autistas... Linhas sonoras que deixam nascer uma melodia no encontro com os patos, os jacarés e as galinhas-d'angola, o violão e muitos rabos de jacarés. Melodia que faz ecoar em suas diferenças, ressoar em suas divergências e expandir os processos de diferenciação como potência afirmativa de produção.



Figura 04: Imagem do parque 03. Acervo pessoal.

É um furor possessivo e pessoal, e a interpretação consiste em reencontrar pessoas e poses [...]. Contudo, o indefinido não carece de nada, sobretudo de determinação. Ele é a determinação do devir, sua potência própria, a potência de um impessoal que não é uma generalidade, mas uma singularidade no mais alto grau [...] (DELEUZE, 1997, p.77-78).

DOCÊNCIA E DEVIR

Com Corazza (2013), problematizamos: por que nos constituímos professores? Quais as alegrias e prazeres que nos fazem desejar a docência? Argumenta-se que há, na ação docente, um nicho de criação – espaço de criação didática que nos faz desejar a docência, desejo vital de criação.

Ao didatizar as matérias, os professores envolvem-se em um processo de recriação do conhecimento e de valores. Envolvem-se em uma aventura humana – que porta alto grau de imprevisibilidade. Não é de cérebro que pensa, pensa-se com corpo inteiro (CORAZZA, 2013b, p.27).



Figura 05: Imagem do parque 04. Acervo pessoal.

Para Corazza (2013a, p.205), o que fazemos no espaço didático é uma tradução do conteúdo – filosoficamente falando, da matéria. A didática é uma tradução.

É em transcurtos e circuitos de tradução, que a Didática-Artística [...] movimentava os seus processos de pesquisa, criação e inovação. Acolhe e honra os elementos científicos, filosóficos e artísticos – extraídos de obras já realizadas, que diversos autores criaram, em outros planos, tempos, espaços –, como as suas efetivas condições de possibilidades, necessárias para a própria execução; e, ao mesmo tempo, como privilegiado campo de experimentação, necessário para as próprias criações.

Perseguindo essa ideia, fomos cartografando, nos encontros educativos desenvolvidos nos parques da cidade, em meio às produções curriculares iminentes, as ações docentes que questionam a ideia de escolarização voltada para a redução da potência de agir do corpo, extremamente aprisionadas em práticas mecanizadas de atuação e *a cultura do papel*, buscando afirmar, por meio das invenções didáticas dos/as professores/as, outro modo de produção educativa.

Nesse sentido, *a aula* – ou o encontro educativo, como preferimos afirmar – constitui-se como uma produção, uma invenção, compondo espaços que se ampliam para além da sala de aula, ocupando outros territórios, como o pátio, o refeitório, o banheiro, a cozinha... Parques, praças, praias... Corredores, jardins... Experimentações que exploram as intensidades dos meios intensivos e extensivos, acompanhando as linhas traçadas pelas infâncias nos mapas que desenham, ao se deslocarem pelas linhas de vida que compõem (e desmancham) o território escola.

Um *currículo acontecimento* que se efetiva nos encontros com as crianças, com obras literárias, com a intensidade das tintas que colore os muros, paredes, chão, ar, corpos e papéis, com as músicas, com os sons produzidos pelo corpo, com as personagens que criam, com as diferentes culturas infantis que emergem desses encontros, dando visibilidade à criação que compõe o *didaticário* (CORAZZA, 2013b) dos/as professores/as.

Desse modo, a realização de um currículo exige escolhas de conteúdo (matérias) em detrimento de outras. A relação do educador com o texto, a obra, o conteúdo, é uma relação aberta – a obra está aberta, ela não é acabada. Matéria não-formada. O professor se constitui em um transgressor diante das matérias. Matérias amorfas em si mesmas.

Multiplicidade do currículo – Tradução dos conteúdos no processo educacional. A tradução é mais ou menos literal, dependendo da relação com o saber. (CORAZZA, 2013b, p.39).

Nos encontros com os/as professores/as, operamos por efeito das enunciações díspares, que traçam uma deformação no modo de conceber o currículo, constituindo-o assim como processos (de)formativos. Deformações essas que se efetuam, na força do informe, em um pensamento outro sobre o sentido do trabalho com a matéria em movimento na educação infantil, qual seja, o pensamento.

(Des)orientados por um campo de problematizações amplo, traçado nos encontros intensivos com os profissionais de educação, rascunhamos encontros com os/as professores/as e crianças, de modo a experimentar o currículo como acontecimento do sentido. Esses movimentos se constituem como uma tentativa de produzir coletivamente uma política (de)formativa orientada pelos movimentos informes e descontínuos, dando visibilidade às traduções curriculares operadas nos contextos da educação infantil.

Uma atenção ao detalhe, às singularidades constituídas por uma política menor, a qual busca escapar das capturas majoritárias e prescritivas, criando, a cada vez, um movimento outro, de modo a superar os binômios teoria/prática, educador/educando, dentre outros.

Assim, ao enunciar sobre como atualizam o conhecimento, traduzindo em movimentos de oxigenação, produzindo vida em meio às palavras mortas, gerando fluxo vital onde parecia haver só estancamento, os professores afirmam a autoria e a ação criadora que envolve a docência, fazendo ruir a tentativa de colocá-los no lugar sedentário e secundário de meros repetidores, meros fazedores ou aplicadores de uma tecnologia didática pré-fabricada, passando a se constituir em autores de uma *didática da criação* (CORAZZA, 2013b).

A didática da criação considera que a potência artística de uma aula, exercida por meio de um processo criador de verdade (imanente), valores (não-representativos), sujeitos (pré-individuados) e poderes (provisórios), não se equaliza com uma adesão sem resistência ou com uma simples rejeição das normas.

Havendo, astuciosamente, criado regras próprias de ação para desorganizar e deformar os dados de aplicação das forças, valoração dos valores, jogos de verdade, vontade de ser, saber e poder; tendo entrado de cabeça e saído voando de uma aula-clichê; o professor tem – agora sim – a sua aula. (CORAZZA, 2013b, p.27).

Investe-se, pois, em produções teórico-práticas como modo de escrever com linhas afetivas as criações tradutoras que se realizam em meio à atividade docente. Atividade como ação ativa que nos mobiliza na colocação de problemas, os quais introduzem um movimento no pensamento, orientado pela busca de construir noções comuns mais específicas por entre as multiplicidades: um campo de resoluibilidade mais amplo.

Esses movimentos pretendem criar uma sensibilidade para o informe, afirmando que a produção curricular imanente se constitui como um acontecimento de ações, afetos, sensações, enunciações, que experimentamos e produzimos com as crianças nos encontros educativos. Imagens curriculares vão se configurando em meio ao traçado rizomático de mapas intensivos e extensivos que deixam ver outro modo de problematizar o currículo, a docência e o trabalho com a linguagem na educação infantil.

REFERÊNCIAS

CORAZZA, S. M. *O que se transcreve em educação?* Porto Alegre: UFRGS, 2013a.

_____. *Didaticário da Criação: aula cheia*. Porto Alegre: UFRGS, 2013b.

DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

Recebido em 30 de agosto de 2014 e aprovado em 06 de outubro de 2014.